

Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

Geração e gênero na situação analítica^{1 2}

Suad Haddad de Andrade³, Ribeirão Preto.

Resumo: A autora apresenta um breve percurso histórico das questões de geração e gênero, desde a época de sua formação em Psicanálise. Sinaliza que não havia um foco direcionado especificamente para estas questões, além das proposições teóricas de Freud e Klein sobre o tema. Afirma que, em sua longa experiência como psicanalista, o que se delineou como muito importante no vértice “geração”, longe das questões de gênero, foram as questões do envelhecimento e a passagem do tempo, emergindo a importância da análise de idosos e os valiosos frutos dessas análises no sentido de esses indivíduos tornarem-se mais satisfeitos consigo mesmos e a própria vida. Enfatiza a necessidade e importância de pensarmos não sobre o indivíduo “homem” ou “mulher”, mas no humano que se deita no divã e sua condição de formar uma dupla com o analista (e este com o analisando), através da utilização e desenvolvimento de seus aspectos assim denominados masculinos e femininos, resultando em descobertas e criações.

Palavras-chave: geração; gênero; situação analítica; masculino, feminino.

É impossível para mim abordar as questões de gênero ou das gerações, em Psicanálise, sem fazer depoimento. Só que a bem da verdade, na minha idade, qualquer assunto toma uma conotação histórica. Se isso é bom ou ruim não sei, nem este é o momento de esclarecer isto.

Em toda a minha formação psicanalítica, a questão do gênero jamais se destacou como tema especial capaz de mobilizar um congresso como este. Eu entrei para o Instituto de Psicanálise,

¹ Trabalho apresentado na Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre, Terceiro Diálogo Latino-Americano Intergeracional entre Homens e Mulheres, COWAP-IPA, maio, 2002.

² Artigo publicado pela Revista Brasileira de Psicoterapia, 6(2): 213-219, maio-ago. 2004, que nos concedeu autorização para esta nova publicação.

³ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, à época da escrita do artigo.

em 1971. Os movimentos feministas estavam em efervescência nos Estados Unidos, iniciados em 1968. Mas dentro da Psicanálise, como nos lembra Janine Chasseguet-Smirgel (1999), estas questões andavam paradas depois das controvérsias iniciais às teorias de Freud sobre a sexualidade feminina. Eu estava começando minha formação exatamente neste intervalo, e em minha sociedade estas questões nunca foram discutidas além do Édipo e do desenvolvimento sexual em Freud, seguidas pelas contribuições de Klein e as diferenças de enfoque entre ambos – como divergências teóricas naturais. O único destaque significativo da questão de gênero ocorreu quando da escolha do primeiro caso de supervisão, quando, diziam, deveríamos tomar um paciente de sexo diferente daquele do candidato-analista, para facilitar a transferência! Esta proposta ou sugestão nunca mais foi feita aos candidatos que vieram depois de mim. Sempre achei isto extremamente significativo, apontando para uma evolução na perspectiva teórico-clínica de nosso grupo psicanalítico.

Atualmente, entre nós, as questões de gênero e geração vêm sendo pensadas pelos analistas mais jovens, o que atesta a influência das mudanças externas e sociais, sobre a Psicanálise. Vejo sempre como extremamente valiosas as pesquisas que ampliam os questionamentos e trazem novas aquisições. A reformulação ou confirmação das teorias depende deste permanente movimento de pesquisa e confrontação. A preocupação que fica é quanto à seleção das informações que recebemos. O discurso modernizante e de vanguarda traz realmente informações importantes? Acrescenta conhecimentos valiosos a nossa tarefa psicanalítica específica?

O que eu assinalaria de mais significativo na minha experiência com gerações, envelhecimento e passagem do tempo é a indicação de análise aos idosos. Tenho visto como muito importante o benefício que pessoas mais idosas têm tido com a análise. Diferentemente da ideia que alguns tinham de que a análise na velhice seria uma fonte de sofrimento e remordimentos pelas limitações vividas e pela incapacidade de corrigir o passado, tenho visto que é muito útil ao paciente poder conhecer, com a análise, o quanto existe de ilusão e falsas noções acumuladas em toda uma

vida. O que ocorre, o mais das vezes, é uma extrema exigência ou uma cobrança de ser ou ter sido um outro, e não aquele que é ou foi capaz de ser. A perda das idealizações e o reconhecimento dos limites possibilitam, agora, a este idoso em análise, a construção de um melhor presente. E novas pessoas podem surgir, com recursos inesperados e, muitas vezes, verdadeiros modelos de bem viver. O enriquecimento interior é possível em qualquer idade; a mente não envelhece e está em permanente expansão. É o corpo que sofre o envelhecimento, é o cérebro que vai se deteriorando e trazendo limitações.

O caminhar para a velhice, assistindo às mudanças físicas e às transformações externas, é muito conflitivo e penoso, quando não somos mais capazes de aprender e de conviver com o novo, ou melhor, quando a morte psíquica antecede à morte física. Conflitos geracionais ocorrem quando não mais conseguimos conviver com a criança dentro de nós, uma criança que precisamos preservar curiosa, ávida de conhecimentos e com capacidade para sentir gratificações.

Já o conceito de gênero introduz parâmetros novos para o psicanalista pensar a sexualidade. Como fica o biológico, ou o anatômico em confronto com as representações mentais ou as fantasias inconscientes sobre o corpo e sobre a sexualidade?

O que chama minha atenção não é como o social e o cultural interferem na temática do gênero, mas como o conceito de gênero, na sua conjunção com o sexual ou mesmo na sua distinção do sexual, amplia a compreensão psicanalítica, principalmente a compreensão da vivência da dupla analítica.

Internamente a capacidade de *contenção* de nossas angústias só pode se instalar e se fortificar através da *introjeção* da *contenção* materna; o bebê precisa da mãe continente para que sua própria *mente-continente* se instale e se organize. Essa *mãe-continente-feminina-passiva* que acolhe as angústias do bebê e a *mãe-masculina-ativa* pronta a atuar junto à criança e a oferecer a ela a *interpretação-ação* necessária naquele momento é o protótipo da situação analítica. É também o modelo da construção do mundo interno onde o casamento harmonioso dos aspectos masculino e

feminino precisa acontecer.

Estamos, então, diante de uma vivência em que o analista reage às projeções do paciente vivendo a contenção e a atuação, isto é, a função mental que se faz necessária a cada passo. Os atributos masculino e feminino são permanentemente vividos por cada um de nós, porque são funções mentais próprias do ser humano.

A afirmação de Groddeck (1923/1984) de que no ser humano homem há uma mulher e na mulher se encontra um homem, que é a afirmação da bissexualidade psíquica, legado de Freud que por si só redime todas as suas vacilações sobre a sexualidade feminina, é para mim a concepção básica e central no nosso trabalho.

O não me preocupar fundamental e permanentemente com o fato de estar com um homem ou uma mulher no divã, mas sim de estar atenta a como funciona esta mente, tem-me sido muito produtivo. Fico atenta à capacidade de o paciente ter uma mente ativa ou passiva, penetrante ou acolhedora a cada momento. E como acredito que meu analisando está sempre ligado à representação mental de si mesmo, de seu corpo, esta dimensão nunca se perde, está implícita. Seu corpo é inexorável, mas sua mente é livre e é no contato com sua condição mental que ele ou ela se realizará mais plenamente como homem ou mulher, que se realizará na sua individualidade. A intimidade consigo próprio é antes de tudo a intimidade com seus sentimentos, emoções, impulsos e fantasias.

Não são as diferenças anatômicas que determinam as distinções entre os indivíduos, mas sim os fatores de afirmação da personalidade. Procurar esmiuçar ou precisar o que caracteriza masculino e feminino não significa necessariamente que podemos definir as pessoas pelo gênero. E este é um aspecto magnífico na Psicanálise quando ela, com todas as suas divergências, claudicâncias e perplexidades, nunca se deixou seduzir pelas categorias universalizantes e totalizadoras, como as categorias Homem – Mulher. E se isso chegava a ocorrer em alguns momentos de dúvidas e incertezas teóricas, nunca aconteceu na prática. As mulheres sempre tiveram prestígio dentro da Psicanálise, principalmente junto ao seu criador, que quanto mais tentava se

aproximar teoricamente das questões do feminino mais expunha, sem nenhum constrangimento, sua perplexidade e também seu apreço pelas mulheres, sempre respeitadas e muito valorizadas por ele.

A proposta inicial de Klein (1945/1996), de um conhecimento inato das diferenças sexuais, conhecimento do pênis e da vagina pela criança, sempre me pareceu muito pertinente. Mas ultimamente tenho tido menos necessidade de recorrer a estas concepções que afirmam a força do biológico – a prática de tantos anos tem me feito pensar que a distinção entre os sexos, a feminilidade e a masculinidade e a aceitação das diferenças se impõem através da própria experiência emocional, da própria vivência de nossos recursos internos ou da falta deles. A relação com o outro confirma as diferenças intrínsecas, confirma nossa limitação e incompletude e a necessidade de complementação. Conflitos sexuais ocorrem principalmente quando há rejeição ou negação de um dos dois aspectos internos; é o interjogo entre o feminino e o masculino dentro de nós que possibilita a construção de uma subjetividade forte e consistente.

Parece claro, hoje, que a ideia de feminilidade sempre esteve ligada às vicissitudes da condição humana de sermos imperfeitos e finitos. O feminino sempre arcou com nossos aspectos indesejáveis, enquanto o masculino realiza nossos ideais onipotentes de completude e poder. As mulheres sempre representaram o que é temido e desconhecido em cada um, o *estranho* que sempre habita dentro de nós e que projetamos fora.

A dimensão humana que inclui os dois gêneros exclui, definitivamente, a definição do feminino como falta e inscreve a mulher como diferente. Na visão psicanalítica não mais o diferente denegrado e assustador, mas o diferente próximo, inseparável, desejável e absolutamente necessário, já que complementar ou, mais precisamente, intrínseco.

É o conceito de *complementariedade* que agora se impõe. *Complementariedade* na vida e na situação analítica; e relação analítica como uma relação sexual psíquica em que o importante são

as oscilações das funções, funções mentais, masculino e feminino, *continente e contido* num movimento constante de busca de novos significados para as experiências pessoais.

Felizmente a Psicanálise caminha na contramão! Sempre trabalhamos com os aspectos diferentes dentro de cada um de nós e com as diferenças dentro de um mesmo gênero. Pesquisamos como funciona a mente do nosso parceiro analítico, portanto como ele é, pessoa única, inconfundível e irreduzível. Esta é a nossa marca; mesmo quando a mulher era definida na relação com o homem como quem era regida pelo sentido da falta, nunca ficamos à mercê das faltas. Estamos sempre atentos à construção e afirmação da identidade que ocorre em função das representações mentais do corpo, não do próprio corpo, das representações mentais de faltas, não da falta do pênis, das vivências internas de força, segurança, completude e não da potência física. Portanto, sempre o nível simbólico e não o empírico; não o aspecto sensorial, mas o psíquico.

Para mim as questões todas, sejam elas as agressões à mulher, sejam as minorias de qualquer tipo, me levam a pensar na agressão mesma, o que a desencadeia, porque ela tende a exorbitar, o que ela realmente expressa ou o que ela esconde.

Se o tema é a função maternal, ou a capacidade de acolhimento, também me detenho para examinar o que a possibilita e o que a impede. E mais, estou atenta, em homens e mulheres, nas condições de preservar ou destruir recursos internos, na capacidade de discriminar, de ligar ou cortar vínculos, de tolerar ou não tolerar as diferenças, o outro, as frustrações. Estou sempre atenta, em homens e mulheres, para conhecer como toureiam a *inveja*, a *voracidade* e o *desejo* de ser Deus.

Sem dúvida o movimento social das mulheres, além de ser uma grande contribuição social, necessária e justa, tem levado os homens a uma reavaliação importante do seu papel social. Os homens estão reavaliando o conceito de paternidade, a identificação com o trabalho, com a violência e com o poder; estão reformulando a representação do homem na sociedade atual. Se mulheres sempre foram desrespeitadas na sua condição de sujeito, também os

homens o foram na obrigação de serem fortes, dominadores, enfim, cumpridores dos ideais fálicos.

A frase de Ana Maria Fernandez (1996/2000, p. 135) ... “Resistir ao gênero para se tornar sujeito.” me parece importante, merecendo reflexão. Não temos de resistir ao gênero para podermos ser sujeitos da história, ou, pelo menos, sujeitos de nossa própria história pessoal? Não temos de resistir ao gênero para defendermos nossa individualidade, resistir ao gênero para não nos iludirmos com a sedução, como por exemplo, de que o valor social da mulher está na maternidade, ou na sensibilidade, ou na capacidade intuitiva?

Pessoalmente, não consigo, nas mais diferentes situações, defender minha posição me apoiando na condição de mulher. É como pessoa, certa ou errada, competente ou incapaz, adequada ou inadequada, justa ou injusta que estou sempre me expondo. Cobro de mim mesma uma coerência, que nem sempre consigo, mas como ser pensante e responsável.

Quando Béla Grunberger (1964/1999) diz que a mulher investe seus laços amorosos no tempo, ou que a mulher sonha eternidade através dos filhos, acho esta colocação muito bonita, mas não consigo ver isto se não como um aspecto feminino presente em homens e mulheres. Homens e mulheres sonharam um dia para que nós pudéssemos estar aqui hoje, sonharam com dias melhores para nós, como nós todos aqui hoje sonhamos com dias melhores para nossos filhos e netos.

Se a representação da diferença sexual deixou de ser construída como uma oposição binária hierarquizada em que a superioridade do homem era pacificamente aceita; se a *complementariedade* é um fato e, portanto, também a incompletude e a dependência; se as relações *continente-conteúdo* é que configuram a feminilidade-masculinidade; se receptividade nada tem a ver com submissão ou passividade e representa uma condição mental necessária, principalmente ao analista; se não existe subjetividade específica para homens e mulheres; se tanto as mulheres como os homens são vítimas e prisioneiros de padrões sociais violentos e massacrantes, então, o que permanece, a meu ver, de mais importante a ser

pensado, e não só pelos psicanalistas, é: como expandir nossa condição de sujeito homem ou mulher num universo dominado pela perversão dos valores humanos? Como preservar a nossa crença na força do irracional e ao mesmo tempo preservar a ordem racional de respeito ao humano, numa sociedade sujeita à barbárie dos valores econômico-capitalista-globalizantes? Como tornar claro e instrumentar a grande verdade de que o desejo de potência, de força é, na realidade, desejo de domínio do próprio sadismo, sadismo que faz estragos nas relações internas e nas relações externas, em homens e mulheres?

Generación y género en la situación analítica

Resumen: La autora presenta un breve recorrido histórico por las cuestiones de generación y género desde la época de su formación profesional en psicoanálisis. Señala que antes no había un foco dirigido específicamente hacia estas cuestiones fuera de las proposiciones teóricas de Freud y Klein al respecto del tema. Afirma que, en su larga experiencia como psicoanalista, lo que se delineó como siendo un vértice muy importante en el tema de la “generación”, lejos de las cuestiones de género, ha sido lo relacionado con el envejecimiento y el paso del tiempo, apareciendo la importancia del análisis de personas mayores y los valiosos frutos que esos análisis produjeron en el sentido de permitir la existencia de individuos que se convirtieron en seres más satisfechos consigo mismos y con la propia vida. Subraya la necesidad y la importancia que hay en pensar no sobre el individuo “hombre” o “mujer” sino en lo humano que se acuesta en el diván y su condición de formar un par con el analista (y éste con el analizante) por medio de la utilización y desarrollo de los aspectos así denominados de masculino y femenino, dando por resultado en descubrimientos y creaciones.

Palabras clave: generación; género; situación analítica; masculino; femenino.

Generation and gender in the analytical situation

Abstract: The author presents a brief historical route through the issues of generation and gender as from the time of her training in Psychoanalysis. She signals that there was not a specifically directed focus towards these issues, besides the theoretical propositions by Freud and Klein on the theme. She states that in her long experience as a psychoanalyst, what was designed as something very important in the “generation” vertex, far from the issues of gender, were the issues of aging and time passing, emerging the importance of the analysis of the

elderly and the valuable fruits of these analyses in the sense of these individuals becoming more satisfied in relation to themselves and to their own life. She emphasizes the need and the importance of not thinking the “man” or “woman” as individuals, but as the human being who lies on the couch and his/her condition of becoming a couple with the analyst (and the analyst with the analysand) by means of the use and development of their aspects, this way named masculine and feminine, resulting in discoveries and creations.

Keywords: generation; gender; analytical situation; masculine; feminine

Referências:⁴

Chasseguet-Smirgel, J. (1999). La sexualidad femenina. In: *Nouvelles Recherche sur la sexualité féminine*. Madrid: Ed. Biblioteca Nuova.

Fernandez, A. M. (2000). Autonomias y de-construcciones de poder. In: *Psicoanálisis y Genero*. Buenos Aires: Lugar Editorial. (Trabalho original publicado em 1996).

Groddeck, G. (1984). *O livro d'Isso*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1923).

Grunberger, B. (1999). Jalones para el estudio del narcisismo en la sexualidad femenina. In *La sexualidad Femenina*. Madrid: Ed. Biblioteca Nuova (Trabalho original publicado em 1964).

Klein, M. (1996). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: *Obras Completas de Melanie Klein Amor Culpa e Reparação e outros trabalhos* (416-464). (A. Cardoso Trad.) (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1945).

Suad Haddad de Andrade

(Em homenagem à nossa querida matriarca, afastada por questões de saúde).

Editora: Sandra Luiza Nunes Caseiro.

⁴ N. E. Alguns detalhes das referências nos escaparam por não termos tido acesso aos exemplares utilizados pela autora.